

RODAS DE CONVERSA: CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO DIALÓGICO DIANTE DE CONFLITOS ESCOLARES

Felipe Fernandes de Almeida ¹
Cândida Maria Farias Câmara ²

RESUMO

As instituições educacionais têm a função de desenvolver ações no sentido de proporcionar formação às novas gerações, permitindo o acesso à cultura e o fortalecimento de concepções críticas quanto ao papel dos cidadãos. Embora se elabore críticas quanto à atuação da escola dentro de nossa atualidade é possível observar que este ambiente trabalha na tentativa de solucionar problemáticas sociais por meio do conhecimento, contribuindo com discussões e/ou reflexões. Nesta perspectiva, o psicólogo educacional é um profissional que realiza observações do contexto no qual está inserido e elabora intervenções que desmistifica a idealização unicamente da sua função clínica. O estágio profissionalizante I ocorreu junto à Secretaria de Educação, Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI) de Quixeramobim, tendo num primeiro momento a observação das atividades desenvolvidas pela psicóloga desta instituição, considerando a participação em palestras sobre adaptação escolar dentro das creches, bem como a participação em atividades juntos à Educação Especial, num segundo momento as atividades restringiram-se à Escola de Ensino Fundamental Coronel Virgílio Távora que atende um público de 6º a 9º ano e a modalidade EJA através de atendimentos de escutas individuais (ofertados a alunos e professores), três rodas de conversas que se centraram no significado do ambiente escolar para os alunos, a cultura de paz e não violência através do diálogo e a automutilação. Ressalta-se que esta experiência contribuiu com uma visão ampla da psicologia educacional, possibilitando a identificação das principais demandas e conseqüentemente, o planejamento e a realização de intervenções, desconstruindo a postura clínica internalizada pela dimensão sociocultural.

Palavras-chave: Escola, Psicólogo educacional, Roda de conversa.

INTRODUÇÃO

A escola é uma instituição com caráter social que propõe a formulação de objetivos e de metas, empregando conhecimentos produzidos e que possibilita a reelaboração de suas ações, tendo como objetivo a promoção da aprendizagem e a efetivação do desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Este espaço favorece a existência de momentos e atividades, no qual se estabelece a interação de sujeitos com o ambiente social (OLIVEIRA, 2000).

¹ Graduado do Curso de Psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá e Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - CE, phelipe28@email.com;

² Mestre e Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá- CE, candidacamara@unicatolicaquixada.edu.br;

A inserção do profissional de Psicologia dentro do contexto escolar possibilita observações que lhe permite o conhecimento dos aspectos subjetivos do funcionamento da instituição, na qual está inserida e que faz uso dos instrumentos de escuta e do mapeamento das demandas para propor a realização de intervenções. Esse processo se baseia na orientação de práticas pedagógicas que contribuam diretamente com reflexões sobre a dinâmica do trabalho mediante a construção de relações existentes neste meio (MARINHO-ARAÚJO, ALMEIDA, 2005).

Assim, podemos pensar que o psicólogo educacional é um profissional que realiza observações do contexto no qual está inserido e elabora intervenções que desmistifica a idealização unicamente da sua função clínica (BARBOSA; MARINHO-ARAÚJO, 2010).

A desconstrução do modelo clínico decorre de uma atuação ativa que se desprende da realização de atendimentos de escutas individuais, mas que propõe a execução de atividades estendidas aos sujeitos que possuem uma relação com a escola: alunos, funcionários, gestão e comunidade escolar.

Nesta perspectiva, o estágio profissionalizante I ocorreu junto à Secretaria de Educação, Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI) de Quixeramobim, acontecendo num primeiro momento à observação das atividades desenvolvidas pela psicóloga desta instituição por meio do acompanhamento em palestras sobre adaptação escolar nos centros educacionais infantis (CEI), bem como na participação em atividades junto à Educação Especial, posteriormente as atividades restringiram-se à Escola de Ensino Fundamental Coronel Virgílio Távora que atende um público de 6º a 9º ano e a modalidade EJA.

As rodas de conversa são espaços de reelaboração de conceitos e de conhecimentos, considerando a articulação das experiências pessoais e a postura adotada, levando os participantes a refletirem sobre a forma de enfrentamento das questões dentro e fora do ambiente escolar (MELO; CRUZ, 2014).

Através deste trabalho objetiva-se favorecer discussões sobre a atuação do psicólogo educacional por meio do planejamento de atividades que interferem no funcionamento da instituição educacional. Além de favorecer a construção de um espaço que propicie trocas de experiências através de desabafos e da manipulação de opiniões, considerando a produção de informações repletas de conteúdo e conseqüentemente, de significados.

Ressalta-se que neste contexto, o exercício da fala e da escuta se materializam como pressupostos do diálogo. Os participantes são estimulados a estabelecerem uma interação com seus pares, podendo concordar, discordar ou acrescentar comentários pertinentes a cada fala,

possibilitando a elaboração de reflexões e favorecendo a avaliação dos compartilhamentos inseridos (MOURA; LIMA, 2014).

METODOLOGIA

Este trabalho se caracterizou como um relato de experiência vivenciado por um discente do 9º semestre do curso de Psicologia da UNICATÓLICA de Quixadá, matriculado na disciplina de Estágio Supervisionado I da Psicologia Escolar e Educacional.

O Estágio Supervisionado I teve como principal objetivo possibilitar a inserção do discente numa perspectiva prática, fazendo uso de conhecimentos adquiridos durante o período da graduação. Deste modo, abrem-se espaços situacionais que agrupam vivências e experiências sob o acompanhamento de um (a) supervisor (a) para a realização de consultas sobre a postura adotada e as estratégias tomadas durante a execução de suas práticas.

Ressalta-se que as atividades realizadas, consistiram inicialmente na observação e no serviço de escuta das demandas do ambiente, no qual está inserido. Posteriormente, adotou-se os aconselhamentos psicológicos decorrentes da necessidade de cada sujeito (aluno, professor, gestor) e a dinamização do processo por meio de rodas de conversa que permitissem discussões, facilitando no conhecimento e na melhoria das relações construídas dentro da instituição escolar (MELO; CRUZ, 2014).

As informações produzidas nessa perspectiva assumiram uma abordagem qualitativa, visto que os pontos de vista expressos nesses encontros são falas sobre temáticas discutidas pelos participantes, assim não há a preocupação e/ou a intenção de estabelecer um consenso, podendo produzir debates e/ou polêmicas. O papel do mediador é assegurar que todos participem de forma igualitária. A observação das falas e o registro em diário de campo foram os instrumentos utilizados na coleta de dados.

Foram realizadas três rodas de conversa com as temáticas: os sentidos da escola, a cultura da paz e não violência e a automutilação. Ressalta-se que estas foram escolhidas mediante escutas individuais de alunos, funcionários, professores e gestores, bem como a observação de problemáticas que interferem diretamente no processo de ensino / aprendizagem.

Cada momento teve como finalidade promover discussões e reflexões que tinham como enfoque inicial a construção de um ambiente acolhedor, em que cada educando se sentisse confortável para participar ativamente e suas opiniões seriam escutadas sem julgamentos por todos os participantes. Optou-se pela inserção de instrumentos visuais para

iniciar cada roda de conversa, como é o caso de frases, trechos de canções e/ou de livros e imagens que pudessem nortear questionamentos. É importante destacar que não houve a imposição da fala para todos os participantes, considerando que à medida que eles se sentissem confortáveis poderiam realizar intervenções aos comentários expostos.

A primeira roda de conversa teve como proposta discutir os sentidos da escola para os educandos, estabelecendo diálogos no sentido de compreender as potencialidades, os conflitos e os interesses construídos mediante as relações no âmbito escolar (professor-aluno, aluno-aluno, gestão-aluno).

A segunda roda de conversa estabeleceu como proposta refletir sobre a cultura da paz e não violência dentro e fora do ambiente escolar, considerando as experiências vividas pelos participantes e as conseqüências destas, bem como o exercício analítico de escolher ações pacíficas para solucionar divergências entre os pares.

A terceira roda de conversa trouxe como discussão a automutilação, permitindo inicialmente reflexões que partem do campo de experiências individuais e/ou de outrem, considerando os sentimentos contidos em cada situação partilhada e conseqüentemente, a inserção de ações de enfrentamento e/ou de minimização do sofrimento daqueles que ‘vivenciam e/ou vivenciaram situações semelhantes.

Assim, não existia opinião certa ou opinião errada, considerando a importância dos aspectos subjetivos de cada participante que foram frutos de suas vivências.

As rodas de conversa tinham a duração média de 40 a 50 minutos e foram aplicadas com turmas que apresentavam baixo rendimento escolar, mas era aberta a participação de alunos de outras salas.

O período do trabalho relatado teve início em janeiro de 2018 e findou em junho do ano citado anteriormente, com suas atividades sendo oferecidas até o final do semestre letivo de 2018.1.

DESENVOLVIMENTO

Os tamboretos e/ou bancos de madeira eram colocados em círculo no terreiro e/ou no alpendre elevado de uma casa, os mais experientes sentavam-se nos lugares de destaque, enquanto os mais novos sentavam-se no chão. Estes eram momentos reservados para se ouvir os relatos lembrados e relembrados. Neste contexto, as histórias rompiam as barreiras temporais e ganhavam a imaginação daqueles que não tinham experimentado viver situação semelhante, assim os fatos passavam de geração em geração, deste mesmo modo, os vizinhos

se tornavam conhecidos e participantes das conversas, construindo laços que perduravam por anos.

A tecnologia por sua vez, mudou os hábitos e com o tempo esta prática se tornou obsoleta, por meio dos dispositivos móveis, as rodas de conversas em família num espaço físico foram deslocadas para grupos virtuais, assim as palavras antes somente ouvidas passaram a ser lidas e/ou gravadas.

A ideia construída em torno da temática rodas de conversa é a presença de ambiente informal associado a diálogos com familiares e/ou amigos durante a realização de refeições em volta da mesa, considerando neste contexto a presença de intimidade para tratar de assuntos diversificados sem a necessidade de uma pauta, fazendo-se uso de uma linguagem coloquial (MOURA; LIMA, 2014).

Neste contexto, as rodas de conversa incorporam a produção de diálogos num ambiente, em que os participantes / sujeitos sintam-se confortáveis e/ou acolhidos para compartilhar e conseqüentemente, para escutar, considerando que as falas possuem um valor para o grupo e atraía a atenção. Assim, o diálogo se consolida neste espaço como um momento ímpar de partilha, pois estabelece a condição da fala e da escuta, agregando diversos colocutores e que se manifesta com uma quantidade de instantes de escuta superiores ao da fala.

Cada participante pode construir sua interação perante aos seus pares através da concordância, da discordância e da complementação das falas anteriores. O ato de conversar, neste entendimento, destina à compreensão com maior reflexão e profundidade, estabelecendo ponderação durante o compartilhamento de ideias (MOURA; LIMA, 2014).

As rodas de conversa possibilitam a reverberação coletiva. Nesta perspectiva, os argumentos e os conceitos são construídos e reconstruídos pelos exercícios da escuta e do diálogo com seus pares. Ressalta-se que o diálogo elaborado simboliza o pensamento e a fala de “[...] indivíduos com histórias de vida diferentes e maneiras próprias de pensar e de sentir, de modo que os diálogos, nascidos desse encontro, não obedecem a uma mesma lógica”. (WARSCHAUER, 2002, p. 46).

Visa, entre outros propósitos, a socialização de saberes, o compartilhamento de experiências, a disseminação de conhecimentos entre os participantes. Assim, a conversa deslocou-se dos alpendres e adentrou às escolas como método / prática de ensino.

É importante destacar que a utilização da expressão roda de conversa para fazer referência aos encontros ocorridos no ambiente escolar e/ou em outros grupos, consolida-se

como uma terminologia adequada por contribuir diretamente com a informalidade e com a descontração (MELO; CRUZ, 2014).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Estágio Supervisionado I possibilitou reflexões sobre o papel do psicólogo educacional, contribuindo para a desmistificação unicamente da visão clínica. Esta conduta deveu-se ao fato das primeiras visitas, o núcleo gestor da Escola de Ensino Fundamental Coronel Virgílio Távora, localizada em Quixeramobim, construir uma lista com o nome de alguns alunos que precisavam de um suporte psicológico.

Inicialmente, para desmistificar certas condutas realizei visitas às salas de aulas para informar minha função naquele ambiente institucional, horários e o cronograma de atividades propostas durante o semestre. Os atendimentos de aconselhamentos psicológicos partiram da necessidade de cada sujeito e não da imposição do ambiente, como havia sido sugerido por meio de uma lista.

Ressalta-se que os atendimentos davam conta de conflitos nas relações familiares, cultivadas pela falta de diálogo relatada pelos adolescentes. Estes, por sua vez, assumiam um caráter de angústia por não saberem lidar com o sofrimento criado dentro de seus lares e que apresentavam reflexos nas relações escolares e no processo de aprendizagem.

A automutilação se configurou como uma temática enfática na realidade desta instituição, sendo adotada como uma tentativa de aliviar o sofrimento (MENNINGER, 1966). Uma adolescente relatou “a primeira vez doeu bastante, mas eu senti tanto alívio que depois continuei a fazer.” (sic). Esta fala revela um estado de naturalização do sofrimento e uma busca por minimizar os problemas vivenciados nos lares decorrentes de namoros não aceitos, situações de alcoolismo e a desconstrução das regras impostas pela família.

As rodas de conversa propostas e executadas foram três que possibilitaram discussões que iam de uma ordem de conhecer os sentidos da escola, da cultura da paz e não violência e a automutilação. Assim, oportunizou-se um espaço dialógico para revelar questões que eram refletidas no ambiente escolar, mas que eram particularidades de conflitos vinculados a fatores externos (MELO; CRUZ, 2014).

A participação tímida dos estudantes era fruto de um serviço de escuta que por muito tempo havia sido silenciada. Na primeira temática, uma aluna relatou “a escola é um lugar que me permite esquecer os problemas, onde me sinto feliz por conversar com meus amigos” (sic). Outro aluno relatou “não gosto de vir pra cá, mas minha mãe me obriga” (sic). Outro

aluno relatou “Eu venho para estudar, porque quero me formar e ajudar minha família” (sic). Estas falas questionam o papel difundido pela escola, por vezes confuso, por apresentar diversas atribuições diante da sociedade, além disso, reforça a ideia de construir um posicionamento frente aos desafios sociais, no qual está inserida.

Percebe-se que os participantes possuem diferentes opiniões sobre o significado da instituição escolar, de modo que somente as informações conteudistas não se caracterizam como atrativas. É importante romper essas práticas arcaicas e dar voz aos estudantes, no sentido de permitir que estes façam críticas e ao mesmo tempo, apontando sugestões plausíveis e que torne a escola um espaço significativo.

A segunda roda de conversa discutiu a cultura da paz e não violência mediante a existência de conflitos dentro do ambiente escolar e que eram originários das relações familiares. Neste sentido, foram lançados questionamentos sobre diversas situações e os sentimentos advindos destas (desrespeito à minha opinião, sofri uma situação de injustiça e/ou de intolerância, participação em grupos de ajuda mútua, estratégias para solucionar conflitos, etc...) que aconteciam dentro e fora da escola e como estes regiam.

Diante destes questionamentos, os educandos foram levados a refletirem sobre o processo de gerenciamento de suas ações e emoções, destacando como enfrentam e/ou enfrentaram situações apontadas pelo mediador. Não houve a inserção do termo “certo” ou “errado”, mas estimulou-se a construção de hipóteses para vivenciar aqueles acontecimentos e as consequências destes.

Em diversos momentos, relataram a presença frequente dos conflitos familiares e o uso da violência para solucioná-los. Quando estes eram submetidos a situações semelhantes ou questionados como reagiriam diante de determinados comportamentos, optavam por reproduzir tais práticas.

A terceira roda de conversa tratou da automutilação. Inicialmente foram convidados os alunos que estavam vivenciando aquelas experiências observadas por escutas individuais e/ou tinham amigos que realizavam. Os participantes, por sua vez, descreviam situações em que a automutilação era vista como solução e/ou alívio, bem como os sentimentos advindos desta prática.

Uma participante destacou “Eu faço para diminuir o sofrimento, porque não quero me matar. Por uns dias fica tudo bem, depois volta tudo de novo” (sic). Outra participante relatou “A primeira vez doeu muito, mas hoje só sinto alívio. Depois de uns dias, me sinto vazia” (sic). Uma participante comentou “Eu comecei a fazer para chamar a atenção da minha família e hoje faço porque não consigo mais parar” (sic).

As falas revelam tentativas de aliviar o sofrimento e ou até mesmo solucionar conflitos, mesmo que temporariamente. Um ponto observado com frequência é a ausência de diálogo com a família. Os participantes se emocionavam bastante ao relatarem os momentos e como realizavam a automutilação, diziam que não era o certo a fazer, comentavam como lidavam quando os pais descobriam esta prática e os procedimentos adotados posteriormente. Assim, continuavam a fazer com menor frequência e/ou passavam a realizar em outras partes do corpo, como na barriga e/ou na coxa em substituição aos braços.

Cada momento foi previamente planejado em parceria com os professores e núcleo gestor, baseando-se na observação de problemáticas apresentadas em escutas individuais. Ressalta-se que estas estratégias foram pensadas por serem temáticas recorrentes e por alcançarem um número maior de pessoas, que por vezes, sentem vergonha de falar sobre acontecimentos que lhe trazem desconforto e/ou sofrimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressalta-se que esta experiência contribuiu de forma direta na desconstrução de mitos sobre a psicologia educacional e me permitiu conhecer a realidade, no qual eu estava inserido e possibilitou-me a identificação das principais demandas e conseqüentemente, o planejamento e a realização de intervenções. A escola se configura por ser uma instituição dinâmica e que reflete as problemáticas advindas da sociedade e suas relações, sendo assim é necessário dar voz aos seus sujeitos e protagonistas, registrando suas impressões e apontando mudanças.

Através da realização do Estágio Supervisionado I, percebeu-se que o psicólogo educacional não está inerte diante de tantos desafios, porém é preciso analisar os discursos e criar mecanismos que ampliem sua visão sobre as relações construídas, favorecendo a humanização.

Neste contexto, as rodas de conversas se configuram como uma importante estratégia dentro do ambiente escolar para compreender os conflitos vivenciados pelos educandos dentro e fora da escola, destacando como estes lidam quando expostos a situações de violência e/ou de sofrimento. É importante destacar que a escola deve oportunizar momentos dialógicos para que a formação dos educandos seja completa, considerando os aspectos conteudistas e que principalmente, estabeleça relação de coerência com a realidade em favor da construção de um pensamento crítico.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, R. M; MARINHO–ARAÚJO, C. M. **Psicologia escolar no Brasil: considerações e reflexões históricas.** Estudos de Psicologia. Campinas, 27(3), 393-402, julho – setembro, 2010.

MARINHO-ARAÚJO, C. M; ALMEIDA, S. F. C. de. **Psicologia escolar: construção e consolidação da identidade profissional.** Campinas, SP: Alínea. 2005.

MELO, M. C. H. de; CRUZ, G.C . **Roda de Conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no Ensino Médio.** Imagens da Educação, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014.

MENNINGER, K. (1966). **Man against thim self.** New York, NY: Harcourt Brace Jovanovich Publishers. (Trabalho original publicado em 1938)

MOURA, Adriana Borges Ferro. LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. **A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível.** Interfaces da Educação, Paranaíba, v.5, n.15, p.24-35, 2014.

OLIVEIRA, M. L.S; BASTOS, A. C. S. **Práticas de atenção à saúde no contexto familiar: um estudo comparativo de casos.** Psicologia: Reflexão e Crítica, 13(1), 97-107. 2000.

WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro: uma parceria entre professor, aluno e conhecimento.** Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2002.